

Inflammatio

—

António Barros

—

Círculo Sereia

21 jul – 01 set

2018

Biografia

António Barros

António Barros estudou na Universidade de Coimbra e na Facultat de Belles Arts da Universidade de Barcelona. A sua área primordial é a investigação no domínio das linguagens.

Criou Artitude:01 [*Projectos & Progestos*]; OIC_Oficina de Interação Criativa [CAPC, Coimbra]; *ARExploratóriodasartes*; A_A [Barcelona; Nantes; Gibellina].

É diretor criativo na Reitoria da Universidade de Coimbra, bem como membro da Direção de Imagem dos European Universities Games 2018. Integrou as diretorias do Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra (CAPC); do Teatro Académico de Gil Vicente da Universidade de Coimbra (TAGV); do Teatro Estúdio CITAC; do Clube Português de Artes e Ideias; do simpósio *Projectos & Progestos* e dos Encontros de Arte — *Alquimias dos Pensamentos das Artes*. É diretor artístico da *Rua Larga* — Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra e teve ainda funções diretivas nas revistas *Via Latina*, *Cadernos de Jornalismo* e *Mediapolis*. Integra o corpo consultivo do Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, na Universidade Fernando Pessoa, no Porto. Exerceu atividade docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no curso de Pós-graduação em Museologia.

A sua obra artística está representada nas coleções do Museo Vostell Malpartida, Cáceres; Fundació Joan Brossa, Barcelona; Museu Serralves — Museu de Arte Contemporânea do Porto; Museu da Fundação Bienal de Arte de Cerveira; MUDAS — Museu de Arte Contemporânea da Madeira; Museu da Água, Coimbra; Universidade do México; TAGV/Centro de Dramaturgia Contemporânea, Universidade de Coimbra; Maison de Poésie, Marselha; Archivio Guglielmo Achille Cavellini, Bréscia; Walden Zero — Transdisciplinary Art and Education Projet, Locarno.

António Barros conta com múltiplas participações em exposições entre 1976 e 2018: MUSAC – Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León; MAC – Museu de Arte Contemporânea de São Paulo; Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; Alternativa Zero, Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa; CAAA – Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura; Fifth Free International Forum, Bolognano, Itália; AICA85 – Associação Internacional dos Críticos de Arte, Lisboa; Museu de Arte Contemporânea Fortaleza de São Tiago, Funchal; SACOM2, Cáceres, Espanha; XII Biennale de Paris, França; XVI Bienal de São Paulo, Brasil; 3e Festival International de Poésie de Cogolin, França; Festa de La Lletra, Galeria Joan Prats, Barcelona; Fundação EDP, Lisboa.

É autor de obras de arte em espaço público, como a peça que na Via Latina enuncia a atribuição do galardão de Património Mundial da UNESCO à «Universidade de Coimbra, Alta e Sofia». É o escultor do Prémio de Estudos Fílmicos Universidade de Coimbra, com que foram laureados Alain Resnais, Manoel Oliveira, Paulo Rocha e João Bénard da Costa.

Trabalha a condição exploratória no domínio *objeto_livro* e *cidade_livro* [*Esclaves*, Quai de la Fosse, Nantes; *Se vão da Lei*, Sons da Cidade #3, Coimbra]. Publicou os livros *John Cage, Música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto*, *Contaminações #1 e Vulcânico Palavrador – Uma Elegia a António Aragão*, Coimbra. *Uma Luva na Língua* é uma antologia de estudos sobre a sua obra. *Alvoro*, edição do MUDAS, contextualiza uma condição distintiva da sua arte sociológica.

***Inflammatio*, de António Barros**

Há algo na ausência de cor na obra de António Barros que inquieta. Um luto e uma morte que logo se transfiguram em luta e amor. Preto branco de onde emana a luz: obra iluminada pelo poder criador da poesia, iluminando a percepção de quem a toca com o olhar. Um olhar logo transfigurado pela catarse, uma libertação operada pelo fogo: uma purificação pela combustão, uma penitência. Inquietação acentuada pela ausência de um espaço com sentido, antes criando espaço para a criação de sentido(s). Obra, projeto de obra sem moldura: em rutura consciente com o espaço normativo, situada (e sitiada) pelo envolvimento. Obra antifascinante, antitecnológica, em rodopio, promovendo o desbloqueamento da consciência, do que da consciência — das estruturas aprendidas da percepção — nasce. Obra contra a ausência de sentido, contra a banalização do sentido. Obra que inflama.

Há algo no título desta exposição que desassossega. *Inflammatio*: uma salvação pela chama do fogo, uma transfiguração do olhar inflamado. Já avisava José Tolentino Mendonça a propósito da exposição *‘Alvoro’* no MUDAS: «Coisa misteriosa é um título e misteriosa também a relação que ele estabelece com a obra». Aqui, o mistério adensa-se: inflamação, o que atea o fogo; inflamação, o modo como o corpo reage à lesão. E o fogo que se ignita nesses lugares-ilha (nesses espaços sem moldura) são gestualizados nesta obra. Porta aberta para um diálogo que apela à abertura, à comunicação com o outro: o progesto. Inflamam-se os espaços vivenciados, acendem-se as memórias identitárias coletivas. Há algo na obra de António Barros que desassossega: uma febre, um acender da chama, a iluminação. Obra que germina.

Inquietação, desassossego. Uma febre e um fogo que inscrevem a inteligência teórica do autor, operações estéticas que excedem o visualismo poético, que ultrapassam a instalação performativa, que transpõem a arte em espaço público. Como entender estes espaços-ilha onde os públicos se isolam? Como entender? Obra pronta para a resposta: como jogo de sombras, os barroquismos controlados de António Barros são enigmas, e em relação a essas tensões devem ser observados. O seu ofício é a geração de contaminações, religando o corpo e a natureza, exsudando as inflamações. Um «inventário da dor», que «exibe e esconde» ao mesmo tempo, como também refere Tolentino Mendonça. Luto e amor, luta e morte. Obra que questiona: desassossego e inquietação.

Veja-se o catálogo (a ordenação: como se as coisas tivessem uma ordem interna..., como se as coisas pudessem ser ordenadas...). Catálogo de esboços, esquisos, obra em tentativa (em experiência), procurando

o sentido no adiamento do sentido. O esboço tenta a forma, é semente que antecipa o seu fruto. Documentada em preto e branco, o esquisso desta obra perturba: catálogo sem cor, catálogo sem fotografias, ícone puro anterior à singularidade. Obras elas mesmas em esquisso, forma em potencial, qualidade pura. Poemas improvisados (esquisso tem origem etimológica em *schedius*, forma antiga de poesia improvisada...), performance (no seu sentido mais genuíno de desempenho, único e irrepetível, presente): força viva interior nunca ordenada. Obra Viva. Ou ainda: obra vivificada pela chama e pela inflamação. Esquissos (improvisos) de um projeto em ação. Assim, um catálogo para olhar, um catálogo do olhar, um catálogo de uma obra para o olhar.

Obra ainda que promove a revisitação, a transfiguração do passado, o luto e o seu devir, a primavera. António Barros sempre aproveita as ex_posições para se transformar, para transformar o que expôs. Sem dimensão cronológica, sem ordenação antológica. Obra gestualizada pela alquimia (pela transfiguração), a pedra que espera dar flor. Leve pó que sustenta a comunicação do que é efêmero, do que existe em transição. Como borboletas em círculos, crisálidas sonhando a ressurreição. Como falena, consumida pelo amor, viajando à volta da chama do fogo, queimando as asas em círculos. Cinza que é síntese de comunicação. E num mundo em que a comunicação aparece saturada, suturada, excessiva, uma obra que é demanda pela insularidade, pelo distanciamento necessário. Um regresso à natureza, uma arte revelada entre o ícone e o símbolo, entre o possível e o canónico, entre a *errância* e o *enraizamento*, como entendeu Isabel Santa Clara. Uma obra *entre*, feita de passagens, de trocas, de meta_morfoses: uma febre entusiasmada. Obra provisória, em esquisso, revisitada: inquieta, questionando.

Estas navegações, estes trânsitos, sinalizam uma viagem «para o interior da condição de si», uma viagem «para o infinito de si», uma viagem interior «à procura da *vacuidade*», como explica o autor. O interior é aquilo que não se nomeia: «o que se esconde mostrando-se». O mole aqui não tem lugar, porque o que vemos não é real: antes sustenta a «moldura da moldura». Obra que procura. Por isso, o fogo desta arte é também o fogo intemporal de Prometeu, é *poesis*, semente de fogo, desejo da palavra criadora, manifestando-se no *logos*, na razão e na inteligência. Fogo que se torna placenta, essa água primordial, viagem de regresso às origens. Obra que restabelece: e o que interessa é começar a viagem, estar em trânsito.

Mas como dialogar, quando imersos no silêncio? Como encontrar pontes na viagem libertadora? Como enunciar as portas, as passagens entre estados, entre mundos? Esta obra questiona, mas também responde:

nesta viagem, do conhecido ao desconhecido, da luz às trevas, uma porta se abre, uma porta que nos abre para um novo mistério. O mistério do olhar, a inflamação do olhar. O olhar petrificado de Perseu, protegido por um escudo polido, tornado espelho, decapitando a medusa, imobilizada pela sua própria imagem. Tudo nos vem pelos olhos: o milagre, a pedra viva, a obra. Luto, aqui, sem castigo, sem o castigo do descomedimento humano. Como dialogar no silêncio?

Há na obra de António Barros um aparente paradoxo que nos inflama: uma arte como educação (a obra que inForma), ao mesmo tempo situada na contrainterpretação, contra a resignação da sensibilidade. A sua dificuldade é um desafio, compelindo-nos a um novo começo. Sempre começar. Como o que é líquido e aquoso, transitório. Obra em busca da natureza, obra em trânsito germinando em comunicação. O fogo também exorciza, e nesta obra ele é febre e delírio: o olhar delira, o olhar não vê, o olhar imagina. Em relação comprometida com o seu leitor, torna-se lente, ampliando o conceito, arte sublime. Contemplação e encantamento: a arte procurando superar-se. Comunhão, magia.

Rui Torres

julho de 2018

Exposição

Inflammatio

António Barros

Círculo Sereia

sáb 21 jul – sáb 1 set

Produção

Ana Sousa

Catarina Bota Leal

Assistência à produção

Jorge das Neves

Ivone Cláudia Antunes

Montagem

Jorge das Neves

Fotografia

Jorge das Neves

Texto

Rui Torres

Revisão de texto

Carina Correia

Design gráfico

Joana Monteiro

Assessoria de imprensa

Isabel Campante | Ideias

Concertadas

Agradecimentos

Augusta Villalobos

Carlos Antunes

Celso Bento

João Luís Azevedo

Rui Torres

Apoios institucionais



Catálogo

Coordenação editorial

Catarina Bota Leal | CAPC

Texto

António Barros

Revisão de texto

Carina Correia

Fotografia

Jorge das Neves

Design gráfico

Joana Monteiro

Direção de arte

João Bicker

Edição

CAPC — Círculo de Artes

Plásticas de Coimbra

Tipografia

Outsiders, desenhada em

2010 por Henrik Kubel,

a2-type

Impressão e acabamentos

Nozzle, Lda.

Este catálogo foi impresso

em Coimbra,

em xxx de 2018.

ISBN 978-989-99917-9-8

DEP. LEGAL

xxxxxxxxxxxxxx

Todos os direitos são reservados.

Este catálogo não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer forma ou meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores e dos artistas.

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Direção

Carlos Antunes

Désirée Pedro

Valdemar Santos

António Melo

Ana Felino

Assembleia-Geral

Armando Azevedo

Ivone Cláudia Antunes

Manuela Azevedo

Conselho Fiscal

João Bicker

Luísa Lopes

Joana Monteiro

Conselho Artístico

António Olaio

Pedro Pousada

Círculo Sede

Rua Castro Matoso, n.º 18,

3000-104 Coimbra

Círculo Sereia

Casa Municipal da Cultura,

Piso -1

Parque de Santa Cruz,

Jardim da Sereia,

3001-401 Coimbra

Horário de Funcionamento

ter-sáb, 14 h-18 h

T: 910 787 255

geral@capc.com.pt

capc.com.pt

anozero@capc.com.pt

anozero-bienaldecoimbra.pt

Imagem da capa e da contracapa

Samovar sobre pedras, 2018 (pormenor)

Texto, espelho, gesso, tijolos, ramos de nespereira, tinta plástica, samovar.

Coleção do autor